

Ad

EL PAÍS

BRASIL

Topa tudo por trabalho: brasileiros aceitam salários menores e postos sem carteira para driblar desemprego

Trabalhos informais e por conta própria já superam o emprego formal no Brasil



Pessoas procuram vagas de empregos em cartazes no centro de São Paulo.

Fernando Bizerra Jr. (EFE)

HELOÍSA MENDONÇA

São Paulo - 5 FEB 2018 - 12:08 BRST

Há cerca de dois anos, enviar currículos para diferentes empresas virou rotina diária da engenheira hídrica Leilane Rocha Abreu, de 32 anos. Natural de Diamantina, em Minas Gerais, ela se mudou para o Rio de Janeiro, em 2012, após receber uma boa oferta de

emprego para trabalhar como terceirizada na [Petrobras](#). Porém, acabou sendo dispensada em 2016 depois que estourou a crise na petroleira, envolvida no maior esquema de corrupção do país. Do lado de fora da estatal, a situação tampouco era favorável. O país atravessava [a pior recessão das últimas décadas](#), com alto índice de desemprego e a área de engenharia também amargava uma das piores fases. Cansada das negativas e da falta de oportunidades no seu setor, acabou optando, no início de 2017, por uma vaga de vendedora em uma loja de shopping durante um ano, ganhando um salário 70% menor do que o que recebia como engenheira.



BAIXE O APP e invista a partir de R\$1,00 a 100% do CDI

OUTRO BANCO PRA QUÊ?

CLIQUE AQUI E SAIBA MAIS

Banco SOFISA direto

Cláudia Lemos, de 46 anos, formada em gestão financeira, também foi uma das vítimas do desemprego recente. Foi demitida, em março de 2015, de uma empresa em São Paulo em que atuava há anos como supervisora de cobrança de veículo e só foi conseguir um novo emprego mais de um ano depois em um restaurante, como auxiliar administrativa e cuidadora do caixa. Assim como Leilane, ela teve que aceitar uma proposta de salário bem abaixo da sua anterior. Atualmente, ganha quase a metade do que recebia no emprego anterior. "Acho que a minha idade pesa para uma recolocação de emprego, mas o momento ainda está difícil e não vejo muito oferta", conta Cláudia.

MAIS INFORMAÇÕES

Bicos, menos lazer e sem casa própria: novos hábitos do Brasil de 12,3 milhões de desempregados

Capacidade ociosa da indústria ainda é alta e emprego no setor não cresce

Em busca de trabalhadores na Alemanha, o paraíso europeu do pleno emprego

Com oportunidades ainda escassas, em um país que fechou o ano passado com uma [taxa de desemprego média de 2017 de 12,7%](#) - a maior da série história que começou em 2012 -, não são poucos o brasileiros que assim como Leilane e Cláudia precisaram aceitar esse desafio: trabalhar em posições para as quais são mais qualificados do que o exigido ou que tiveram que aceitar salários bem menores do que recebiam em empregos anteriores. É o que os especialistas chamam de *downgrade* de carreira.

Ad

Uma pesquisa realizada pelo site de anúncios de vagas de emprego Catho mostrou que 82% dos entrevistados afirmaram que, para se recolocar no mercado, têm aceitado ou aceitaria salários menores do que o emprego anterior. Já 30% disseram que chegaram a omitir informações sobre suas qualificações para poderem concorrer a vagas inferiores ao cargo que possuíam

anteriormente. Apenas 17% responderam que não aceitariam cargo e salário abaixo do anterior. A pesquisa foi realizada com 742 profissionais da base nacional da Catho e divulgada no fim do ano passado.

Recrutadores e consultores de carreira coincidem que essa situação tem se tornado cada vez mais comum no país, que somou 12,3 milhões de desempregados no último trimestre, mas que na hora de avaliar uma proposta é preciso pensar a médio prazo. "É normal que para não ficar fora do mercado, ele aceite uma proposta com cargo ou salário abaixo do seu último emprego, mas, de alguma forma, ele precisa se programar, avaliar se há alguma forma de crescer dentro da empresa para conseguir recuperar a queda de renda no futuro", explica Elen Souza, psicóloga e assessora de carreira da Catho.

Ad

Para Emerson Dias, consultor de carreira, dar um passo para trás na carreira em tempos de crise, muitas vezes, não é uma questão de opção e sim de necessidade. Entretanto, uma alternativa mais radical de mudar de segmento embute um risco maior se a ideia é que esse passo seja transitório. "O risco é você não conseguir mais voltar para sua área. Quando você afasta, perde o contato, atualizações. Mas num momento como esse você sempre tem o argumento da crise. Não foi uma transição porque você quis, mas porque o mercado te obrigou", explica.

Emprego com carteira é minoria

Após perder o emprego de carteira assinada, Edson Maciel se tornou motorista do aplicativo Uber.

A crise no mercado de trabalho também tem levado [a um aumento grande da informalidade no país](#). De acordo com dados da [Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios \(Pnad\) Contínua](#), o trabalho informal, sem carteira assinada e por conta própria foram os grandes responsáveis pelos empregos gerados no país em 2017.

É o caso de Edson Maciel, de 39 anos, que após muitos anos trabalhando com carteira assinada, teve que partir para o trabalho por conta própria. Responsável por gerenciar uma frota de carros executivos do banco Itaú, em São Paulo, ele foi demitido em 2014 e, desde então, nunca mais conseguiu um trabalho registrado. Primeiro participou de uma sociedade com a mulher no setor do

varejo, mas depois optou por ser motorista do aplicativo Uber. "Hoje ganho menos do que ganhava e não tenho mais nenhum benefício. Preciso pagar seguro de saúde para mim e todos da minha família. Se eu colocar na ponta do papel, ganho 60% do meu último salário de carteira", conta Maciel que continua procurando uma recolocação no mercado e aguarda o resultado de um concurso público que prestou no último ano.

Segundo o IBGE, somando os 11,1 milhões de trabalhadores que atuam sem carteira e os que resolveram trabalhar por conta própria (23,1 milhões), o total é maior que o número de trabalhadores registrados. São 34,2 milhões de informais para 33 milhões de registrados. Os números revelam, que apesar de alguns indícios de melhora na economia brasileira nos últimos meses, o mercado de trabalho ainda sofre com os efeitos da crise e, como é de costume, deve ser o último componente a reagir .

"Existe claramente uma entrada expressiva de pessoas trabalhando principalmente em ocupações voltadas para a informalidade. Não temos ainda recuperação da carteira, não existe qualquer indício disso. Qualidade do emprego gerado, portanto, é questionável", afirmou em coletiva de imprensa nesta semana Cimar Azeredo, coordenador de Trabalho e Rendimento do IBGE.

ARQUIVADO EM:

Informalidade · Lei Terceirização · Consolidação Leis Trabalho ·
Terceirização serviços · Desemprego · Precariedade trabalhista ·
Privatizações · Legislação Brasileira · Brasil · Emprego · Política econômica ·
Códigos legais · América do Sul · América Latina · Condições trabalho ·
Regulamento jurídico · América · Empresas · Legislação · Economia ·
Trabalho · Justiça · Movimentos arte · Arte

MAIS INFORMAÇÕES:

https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/21/economia/1450698485_805238

**Maneiras de ganhar a vida no Brasil que
diz adeus ao pleno emprego**

Ad

Ad

© EDICIONES EL PAÍS S.L.